

A QUESTÃO DA RAÇA E O PENSAMENTO LATINO-AMERICANO DE JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI: DO NACIONAL AO INTERNACIONAL

THE SUBJECT MATTER OF RACE AND THE LATIN AMERICAN THOUGHT OF JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI: FROM THE NATIONAL TO THE INTERNATIONAL

LA CUESTIÓN DE LA RAZA Y EL PENSAMIENTO LATINOAMERICANO DE JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI: DE LO NACIONAL A LO INTERNACIONAL

Danielle Gonçalves Passos do Nascimento¹

RESUMO: A questão racial é constitutiva no contexto dos países latino-americanos. A complexidade e a dimensão das discussões que recaem sobre essa temática ganham cada vez mais visibilidade no cenário da América Latina, não somente no contexto mais atual, mas também nas bases precursoras. Assim, discutir quem foram/são as e os pensadoras e pensadores que empenharam esforços para refletir os desdobramentos dos elementos raciais do continente se faz relevante, a exemplo do marxista peruano José Carlos Mariátegui. Portanto, partimos da hipótese de que esse autor elucida questões importantes referentes à raça, sobretudo, ao focar na passagem do nacional para o internacional. Para tanto, este artigo promoverá sistematicamente, por meio de uma revisão de literatura, o debate acerca das contribuições das composições étnico-raciais e dos traços específicos dos entornos latino-americanos. E, posteriormente, irá se debruçar especificamente nos escritos e nos entendimentos de Mariátegui, com o intuito de compreender como o autor

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp - Marília). Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: danielle.passos@unesp.br

visualizou a questão da raça na cena peruana e, depois, como ele aloca esse problema para a esfera mais ampla, ao tratar isso internacionalmente na América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: América Latina. Indígena. Peru. Étnico-racial.

ABSTRACT: In the context of Latin American countries, the racial matter is constitutive. The complexity and dimension of the discussions that fall on this subject matter are gaining a lot of visibility in the Latin American scenario, not only in the most current context, but also in the precursor bases. Therefore, discussing who were/are the thinkers who engaged efforts to reflect the unfolding of the continent's racial elements becomes relevant, such as the Peruvian Marxist José Carlos Mariátegui. For this purpose, we start from the hypothesis that this author elucidates important issues related to race above all, when he focuses on the transition from the national to the international. That is why this article will systematically promote through a literature review, the debate about the contributions of ethnic-racial compositions and the specific traits of Latin American surrounding regions. Furthermore, afterwards it will focus specifically on Mariátegui's writings and understandings, with the aim of comprehend how the author visualized the issue of race in the Peruvian scene and later how he allocates this matter to a large arena when handle this in an international way in Latin America.

KEY WORDS: Latin America. Indigenous. Peru. Ethnic-racial.

RESUMEN: La cuestión racial es constitutiva en el contexto de los países latinoamericanos. La complejidad y dimensión de las discusiones que recaen sobre este tema ganan cada vez más visibilidad en el escenario de América Latina, no sólo en el contexto más actual, sino también en las bases precursoras. Así, discutir quiénes fueron/son los pensadores que se esforzaron por reflejar el despliegue de los elementos raciales en el continente se torna relevante, como el marxista peruano José Carlos Mariátegui. Por lo tanto, partimos de la hipótesis de que este autor elucida importantes cuestiones relativas a la raza, especialmente al enfocar el pasaje de lo nacional a lo internacional. Para ello, este artículo promoverá sistemáticamente, a través de una revisión bibliográfica, el debate sobre las contribuciones de las composiciones étnico-raciales y los rasgos específicos de los entornos latinoamericanos. Y posteriormente, se centrará específicamente en los escritos y comprensiones de Mariátegui, con el objetivo de entender cómo el autor veía la cuestión de la raza en el escenario peruano y, luego, cómo asigna este problema a la esfera más amplia al tratarlo internacionalmente en América Latina.

PALABRAS CLAVE: América Latina. Indígena. Perú. Étnico-racial.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal elucidar as questões referentes à raça contidas nas obras do célebre pensador latino-americano José Carlos Mariátegui, sobretudo, ao focar na passagem do nacional para o internacional desse recorte. Ou seja, quando ele vai além de pensar a questão da raça², relacionada com o índio/indígena, no âmbito nacional do Peru, e passa a contemplar as questões e “experiências em comum” /experiência semelhantes, sem esquecer das particularidades presentes na América Latina.

Ao localizar a importância das produções de José Carlos Mariátegui, é possível perceber elementos diversos: sua trajetória, formação teórica e política, a composição social e étnica que serviram de plano de fundo para sua argumentação, e assim, a articulação, o encontro valioso, entre a questão de classe e a questão de raça, a aproximação e/ou discordância com outros pensadores marxistas, as interpretações mais atuais dos seus escritos, entre outros. Assim, é necessário ponderar como o autor foi se situando ao longo do tempo. Em camadas, na Introdução do livro *Por um socialismo indo-americano*, Michael Löwy (2005) expõe que, entre os anos 1919 e 1922, Mariátegui se concentrou em estudar o marxismo e se aproximou substancialmente do movimento comunista, já em 1928, além de fundar o Partido Socialista do Peru, filiado à Internacional Comunista, publica o seu livro mais conhecido, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. Em síntese, Mariátegui foi/é relevante para pensar a América Latina sob a ótica marxista, situando-se como uma das principais referências para a teoria e a prática do socialismo no continente americano (LÖWY, 2005). Para Estuardo Nuñez (1994), a vida intelectual de Mariátegui se intensificou em 1914, início da Primeira Guerra Mundial, e na Itália o autor se debruçou, durante algum tempo, em escrever sobre a situação política italiana.

² Guardada as devidas proporções, o que Mariátegui chamou de raça nos seus escritos da época hoje em dia leva o nome de etnicidade. Segundo Leandro Galastri (2017), com base em Mariátegui, a questão racial não é literalmente no sentido biológico, mas sim nos âmbitos social e econômico. “[...] é o problema da marginalização social imposta às etnias indígenas (o que hoje, como à época, é uma afirmação óbvia, mas que infelizmente ainda necessita ser enfatizada). Mas a raça exerce seu papel nas possibilidades e necessidades de enfrentá-lo, principalmente enquanto apenas militantes saídos do meio indígena poderiam, pela mentalidade e idioma, conseguir uma influência eficaz e imediata sobre seus companheiros” (GALASTRI, 2017, p. 29).

Tendo em vista a dimensão da política italiana, tornou-se mobilizador do conhecimento do fenômeno cultural italiano de influência no Peru.

No que se refere às questões referentes a raça (elementos raciais), alguns estudiosos do pensamento do referido intelectual peruano trazem contribuições interessantes. De acordo com Leandro Galastri (2017), ao destacar os aspectos da originalidade do pensamento de Mariátegui, volta-se para os componentes originais do marxismo “heterodoxo”, contextualizado no âmbito latino-americano, apontados pelos mais recentes e proeminentes escritos advindos das universidades e do mercado editorial brasileiro. Desse modo, o autor ainda aponta que Mariátegui foca em examinar “o problema específico da exploração da população indígena, acrescentando à problemática da luta de classes essa variável tão latino-americana que é a questão racial” (GALASTRI, 2017, p. 32). E assim, adaptou a teoria marxista para a realidade concreta do Peru e da América Latina. Corroborando com essa argumentação, Felipe Deveza (2022), afirma também que uma parte substancial do arranjo das obras de Mariátegui versa de temáticas latino-americanas, em maior quantidade das questões peruanas, de forma criativa e fundamentada no marxismo. “Em geral se associa a originalidade de sua obra às questões regionais, mas a partir de referências e autores europeus” (DEVEZA, 2022, p. 1).

José Carlos Mariátegui (1974) aborda e explica diretamente a questão da raça na América Latina. Do seu ponto de vista, o marxismo deve, criticamente, apresentar o problema da raça desvinculando-se de possíveis distorções. Em outros termos, “Econômica, social e politicamente, o problema das raças, como o da terra, é, em sua base, o da liquidação do feudalismo” (MARIÁTEGUI, 1974, p. 21, tradução nossa)³. O autor desenvolve ainda que, em detrimento da servidão herdada da “conquista” espanhola, as raças indígenas latino-americanas, vivenciavam um estado de ignorância. E por isso, havia uma tentativa de justificar a exploração desses povos pautada no fato de que se servia para a redenção cultural e moral das raças oprimidas.

³ No original: “Económica, social y políticamente, el problema de las razas, como el de la tierra, es, en su base, el de la liquidación de la feudalidad” (MARIÁTEGUI, 1974, p. 21).

Desse modo, não é à toa que Galastri (2017, p. 38) frisa como é proveitoso esmiuçar os trabalhos de Mariátegui, sobretudo, para divulgar seu pensamento entre os “lutadores sociais” do canto de cá do globo (Sul Global⁴) e entre os “marxistas latino-americano de língua portuguesa”. Para assim, aproveitar o embalo da retomada, a partir da década de 1950, e mais intensivamente na década de 1970, dos estudos sistemáticos empreendidos pelas correntes da esquerda latino-americana, em geral como uma alternativa regional de marxismo (DEVEZA, 2022).

O recorte aqui apresentado e as contribuições desse marxista peruano, representam a capacidade da América Latina em pensar e enxergar suas próprias condições e particularidades, de quais formas os pensadores e pensadoras de raça latino-americanos/as se articularam, cruzaram e problematizaram temas e dominações ao longo do tempo, bem como acerca da leitura e dos caminhos que se abrem com Mariátegui, uma vez que ele compõe um conjunto de referências e ideias capazes de compreender não só uma ampla discussão sobre classe, mas também sobre o nacional, o internacional, a raça e o gênero⁵ etc e a relação/articulação entre eles.

1. RAÇA: OS DEBATES ÉTNICO-RACIAIS AO LONGO DO TEMPO E OS TRAÇOS LATINO-AMERICANOS

Nos contornos dos debates que permeiam as Ciências Sociais e as sociedades, a temática e os estudos sobre raça despontam como um tópico fundamental, especialmente no que tange à movimentação de assuntos importantes e que interessam e afetam tantos países e realidades, seja do centro ou da periferia do mundo — embora seja totalmente possível que se discutam as condições diferentes e desiguais entre eles. A inserção e a reflexão acerca de atuais e relevantes temáticas, pautas e conceitos vêm

⁴ Singularmente, aqui utilizamos o termo “Sul Global” para se referir aos países que compõem a parte Sul da América, ou a região da América Latina, na qual entorna outras regiões do continente. Há um amplo debate a respeito da compreensão e análise de como se desenvolveu esse Sul Global em “oposição” ao Norte Global e do papel exercido pelos países que o compõem. Luciana Ballestrin (2020) explica que o Sul Global ultrapassa as divisões geográficas e territoriais, uma vez que projeta uma reivindicação de uma identidade geopolítica subalterna.

⁵ Para mais, consultar o artigo de 2022, intitulado *Mariátegui and Latin America Marxist Feminism: A Necessary Revisit* de Joana das Flores Duarte, traduzido por Heather Hayes.

tomando cada vez mais espaço nas esferas latino-americanas, seja nos movimentos de luta ou na academia.

De maneira direcionada, pontua-se que os estudos raciais e o conceito de raça, assim como de racialidade e racismo, estão se consolidando na teoria e na prática, e portanto, saindo das margens e indo para o cerne das indagações. Por conseguinte, é fundamental explorar os desdobramentos, considerações e definições dos conceitos de raça, bem como da produção acadêmica e intelectual sobre o referido assunto nas diversas áreas dos saberes, e assim também questionar o direcionamento de políticas e mecanismos antirracistas nacional e internacionalmente, que contemplem mitigar o silenciamento de pessoas e pautas negras, indígenas etc nos centros de produção de conhecimentos, na construção de ações afirmativas educacionais, nos fóruns de debates, na composição da equidade de condições de trabalho e de salários, nas reflexões acerca dos problemas causados pelo sistema capitalista, na distribuição e ocupação territorial dentro e entre as nações, de outros assuntos do sistema internacional, na representação e participação política nacional e internacionalmente, na construção de políticas mais humanas e sensíveis a questão de raça.

Ainda que trate mais essencialmente das Relações Internacionais, a argumentação de Roxanne Lynn Doty se projeta complementarmente em outras nuances. De acordo com Doty (1993), as conversas raciais e o debate de raça já ocorriam no período em que ela escreve, e é um debate que importa e deveria ser pensado também no âmbito internacional, superando os enquadramentos que o colocam como um “assunto doméstico”, muitas vezes com o intuito de reduzir sua relevância — algo que, à sua maneira, o peruano Mariátegui transportou, ao assumir que tanto no Peru como em outros países da América Latina, a questão de classe e a questão étnica (questão da raça⁶) estão fundidas (MARIÁTEGUI, 2008). Essa é uma faceta vista pelo autor, primeiro no território peruano e, posteriormente, no território

⁶ No que se refere à utilização dessa expressão e da dedicação de Mariátegui em escrever sobre a temática, Galastri situa em que momento isso ocorreu: “A questão das raças na América Latina”, de autoria principal de Mariátegui e apresentado por representantes do Partido Socialista Peruano na I Conferência Comunista Latino-Americana, realizada na Argentina, em 1929. Apesar do título, literalmente circunscrito à questão racial, o problema da terra está presente no documento em pauta, sendo organicamente vinculado à questão indígena” (GALASTRI, 2017, p. 25).

latino-americano, projetada em termos de lutas, pautas, organização e semelhança e indissociação de uma classe social em relação às outras. Acrescenta-se aqui o fato de que a relação entre o nacional e o internacional se faz presente no marxismo.

Esses apontamentos, nos levam a problematizar as compreensões de raça e como isso poderia levar à uma reconceitualização. Assim, Doty (1993) define a raça, identidade e diferença raciais, como um local que estabelece relações com as esferas social, política e discursiva. Desse modo também, a raça é construída e tem sua funcionalidade ligada em espaços/lugares históricos e espacialmente determinados.

Nesse sentido, Felipe Deveza (2008) menciona de qual maneira se deu a conexão entre os pensadores peruanos e a III Internacional Comunista. Linearmente, o autor elucida as indagações levantadas por Lozovski, considerado o mais elementar dirigente da Internacional de testemunha na Primeira Conferência Comunista Latino-americana de Buenos Aires. Lozovski “[...] reclama o estudo e a sistematização de dados sobre a realidade latino-americana para uma elaboração da estratégia revolucionária comunista nos países do continente” (DEVEZA, 2008, p. 123). Com o surgimento de grupos autodenominados comunistas no cenário latino-americano, houve a organização de alguns eventos e conferências importantes.

Em maio de 1929 aconteceu o Congresso Constituinte [sic] da Confederação Sindical Latino-Americana em Montevideo. No mês seguinte seria realizada a Conferência [sic] Comunista em Buenos Aires. Neste tempo a maioria dos Partidos Comunistas da América Latina já estavam organizados e tentavam atuar entre os operários, que em muitos países estavam recheados de imigrantes europeus, trazendo consigo a cultura rebelde anarquista. Através do periódico bimensal do secretariado da III Internacional para a América do Sul, La Correspondencia Sudamericana, convocou-se a conferência e apresentaramse [sic] os temas que seriam debatidos. Foram inúmeros os frutos destas conferências para o desenvolvimento do movimento comunista no continente, mas nos importa particularmente a participação peruana e em particular o debate sobre “raças” na América Latina, no qual Mariátegui deu grandes contribuições (DEVEZA, 2008, p. 124).

Ao questionar a interpretação do problema racial como problema nacional, alegou-se que os países forjados a contar pela colonização, como as nações americanas, não possuíam a mesma noção da raça como identidade nacional como se tinha no continente europeu. E, portanto, para assimilar a vivência da América Latina, mais detalhadamente da América do Sul, elaboraram uma alteração na tese de Lenin de autodeterminação dos povos, acrescentando que os comunistas lutariam pela instauração de “uma nação quéchua e outra aymara nos Andes, uma república indígena com autonomia de uma república soviética da América do Sul” (DEVEZA, 2008, p. 124). Nas palavras do autor

A intervenção peruana neste debate sobre raças foi, certamente, significativo [*sic*] para o avanço do entendimento comunista da realidade americana. Na pauta da Conferência, o 5º ponto apareceu sob o título: O Problema das Raças na América Latina. Para este debate, três delegações trouxeram suas teses: os cubanos, sobre a questão negra; o Brasil, tratando de índios e negros no Brasil; e, através de Hugo Pesce, Mariátegui procurou apresentar sua tese sobre o problema das raças na América Latina. Em homenagem ao operário ítalo-americano perseguido nos EUA, Hugo Pesce utilizou o pseudônimo [*sic*] de Sacco (DEVEZA, 2008, p. 126).

Em perspectiva, no caso da América como um todo e particularmente da América Latina, a raça, ainda que ocultada, esteve e está interligada com a montagem da extensão e delimitação das regiões, nos processos de independência e nas resistências relativas ao território e à cultura (sobretudo frente à colonização). A profunda discussão proposta por Aníbal Quijano (2005), nos mostra como as distinções acerca da raça resultaram em relações sociais baseadas nesse ideal, inclusive de opressão, e produziu-se novas identidades sociais (a dos mestiços) e redefiniu-se a do negro/a e do índio/a. “Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias [*sic*] e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados” (QUIJANO, 2005, p. 118).

Pensadores e pensadoras, nomeadamente, Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento, Walter D Mignolo, Aníbal Quijano, Beatriz Nascimento, Manuel González Prada, Luiza

Bairros e María Lugones, representam a construção e a transformação da consciência, sobretudo racial, em seus países de origem e de maneira mais ampla na América Latina. Seus trabalhos, articulados com outras temáticas — ativismo feminista, discriminação racial, valorização da cultura, ruptura com o pensamento e a herança colonial, pensamento social etc — são revisitados e valiosos para pensar uma série de processos que ultrapassam as fronteiras nacionais. José Carlos Mariátegui também pode fazer parte, haja vista que seus aportes têm ressonância entre os marxistas, com papel extremamente destacado para as particularidades raciais/étnicas da latino-americanas. Conforme expõe Galastri (2017), algumas das principais ideias de Mariátegui têm potencial para serem empregadas na investigação da luta de classes latino-americana, particularmente no que tange em matéria de concentração fundiária e raça — e esta última, com base na fixação de uma política socialista, converte-se em elemento revolucionário.

2. OS APORTES DE MARIÁTEGUI E AS CONTRIBUIÇÕES ACERCA DA QUESTÃO DA RAÇA

2.1. “Nacionalmente” temos o Peru

Identificar as particularidades e similaridades existentes nos e entre os países que fazem parte da América Latina é uma tarefa árdua e atrativa para muitos e muitas intelectuais de partes diversas do mundo. De fato, caberia muitos debates acerca da expressão “América Latina” e suas avalanches classificatórias – mas este não é o foco do artigo. A utilização do termo vai desde Eduardo Galeano (2000) se referindo à América Latina como “a região das veias abertas” à Lélia Gonzalez (2020a) definindo-a como uma região muito mais ameríndia e amefricana, com os contornos de formação pautados no impacto e presença política, histórica e cultural de negros/negras e indígenas no continente americano.

Assim como Mariátegui, Gonzalez (2020b) enfatiza a questão racial na América Latina. A autora propõe uma reflexão histórica para se ter um melhor entendimento desse processo na região. Em detrimento das “descobertas” por parte da Espanha e de

Portugal, é plausível falar que ambos os países adquiriram uma abastada experiência em termos de como articular de forma opressora as relações raciais em suas colônias, haja vista que estruturalmente, nas sociedades dos espanhóis e dos portugueses, tudo e todos possuíam “lugar certo”, sem espaço para a igualdade, principalmente para diferentes grupos étnicos. Esses componentes recaíram nas sociedades latino-americanas, herdeiras históricas de dois “legados”: o primeiro, a classificação social — traçada pelos fatores sexual e racial e, o segundo, as técnicas legais e administrativas das suas respectivas metrópoles.

No âmbito desse debate, afloram os questionamentos acerca dos modos políticos, econômicos e sociais pelos quais a herança colonial se manteve vigente nos países latino-americanos, sendo relevante explicitar as raízes, os efeitos e as tentativas de ruptura com os aspectos coloniais. No caso do Peru, segundo Julio Cotler (2006), a dominação colonial não favoreceu as possibilidades de desenvolvimento nacional nem no âmbito econômico, nem no político. Economicamente, em detrimento das relações sociais de caráter colonial entre os estamentos sociais/camadas sociais. Politicamente, por conta da fragmentação corporativa em que viviam tais estamentos, bem como devido aos numerosos grupos oligárquicos oriundos dessa desintegração. Acrescentado a esses problemas, o autor menciona o fato de que em significativos momentos, no Peru, a administração precária por parte da metrópole, desenhada pelas tensões entre a administração espanhola e administração colonial, figurou na ausência de universalização do Estado, e essa falta recaiu no desempenho do desenvolvimento de valores e símbolos comuns por parte da população. Todo esse aparato contribuiu para o entendimento de que a desintegração da ordem patrimonial e a ruptura do comércio colonial se deu, de maneira geral, pelo encolhimento econômico e ergue-se de um encadeamento da “feudalização” (COTLER, 2006).

Ainda de acordo com Cotler (2006), os cenários peruanos serviram de alicerce para as considerações intelectuais feitas por duas figuras importantes para o Peru: Mariátegui e Haya de la Torre. Para ele, ambos, cada um com pontos de vistas e projeções distintas, começaram no país uma inovação no que concerne à interpretação da situação peruana. Tanto o primeiro quanto o segundo procuraram assimilar o

problema peruano — enfaticamente, a estruturação das classes, a implantação dessa no Estado e influência que exerceu na acepção da nação — mediante o passado colonial e as condições materiais do Peru. Diz:

Em outras palavras, esses dirigentes políticos e inovadores teóricos explicitaram os temas que os escritores precedentes só trataram de modo implícito e unilateral, já que não enfatizaram os interesses e a perspectiva histórica das massas populares. Se nos somamos a esses esforços e aos que os sucedem é com o desejo de contribuir para continuar esclarecendo esses problemas, e para considerar de que forma e até que ponto são genuínos e continuam a existir na situação atual, criada pelo Governo das Forças Armadas. Nesse sentido analisamos classes, Estado e nação, procurando uni-los, dando a cada um, em cada momento da dialética histórica, o peso necessário e assinalando os fatores que contribuíram para dar coesão à sociedade peruana, a despeito da sua “desarticulação” (COTLER, 2006, p. 19).

No decurso da sua vivência intelectual e política, Mariátegui simpatizou com novas correntes revolucionárias e, durante sua estadia no continente europeu, associou-se ao marxismo e passa a colaborar substancialmente para a transformação das sociedades peruana e latino-americana. Por volta de 1923, ao regressar para Lima, capital do Peru, Mariátegui passou a averiguar a realidade peruana sob alguns prismas, dentre eles: a estrutura econômica, responsável pelo ordenamento das classes e o nivelamento das superestruturas das camadas da sociedade (COTLER, 2006). De fato, Mariátegui dedicou grande parte dos seus escritos para pensar a realidade do seu país de origem.

Em Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana, Mariátegui (2008) traça uma síntese detalhada com os fatos mais significativos das condições econômicas e históricas da composição do Peru na qualidade de país. Para ele, o problema agrário e o problema do índio são de caráter fundamentalmente econômico — além de que, há uma solidariedade evidente em relação ao problema da terra com o problema do índio. Em linhas gerais, o problema agrário é, antes de tudo, um problema da liquidação do feudalismo no âmbito peruano. Com a ascensão do regime democrático-burguês, propriamente fixado pela revolução da independência, esperava-se que a liquidação

do feudalismo acontecesse, mas não foi o que ocorreu. Isso se deu pelo motivo de que no Peru, mesmo com a república, nunca houve uma classe capitalista. E assim, manteve-se o quadro da antiga classe feudal. “A velha classe latifundiária não havia perdido seu predomínio. A sobrevivência de um regime de latifúndio produziu, na prática, a manutenção do latifúndio” (MARIÁTEGUI, 2008, p. 68).

Além do latifúndio, o feudalismo sobreviveu no Peru na forma de servidão. Dessarte, essas expressões mantiveram relações próximas, o que conduz ao remate de que não seria possível acabar com a servidão imposta à raça indígena sem findar o latifúndio. Ou seja, social, econômica e politicamente, nas bases dos entraves relacionados à raça e à terra encontra-se o problema que é a manutenção do feudalismo e como liquidá-lo (MARIÁTEGUI, 2008). Diante disso, é plausível pontuar que Mariátegui operou, inicial e majoritariamente, na esfera “nacional”, levando em conta que a conjuntura — o esquema da evolução econômica (desde a economia colonial à economia agrária e latifundismo feudal), o problema do índio, o problema da terra, a questão racial, as reminiscências do regime colonial, o processo de independência, a servidão, a escravidão negra e indígena, as reivindicações políticas e educacionais etc, é examinada a contar pelo caso peruano. Nacionalmente, o cenário do país viabilizou olhar as sequências de embaraços e experiências da América Latina — ainda que Mariátegui só tenha feito essa passagem concretamente acerca de como o problema da raça se apresentava.

2.2. “Internacionalmente” temos a América Latina

A busca por referências nos e nas intelectuais latino-americanos, para interpelar os pontos acerca das temáticas étnicas e raciais do continente americano, singular e coletivamente, simboliza uma aproximação com as elaborações daqueles/daquelas que possuem fundamentos e vivências em relação ao contexto que estão inseridos. As noções fornecidas podem partir de diferentes vertentes teóricas, de diferentes problemas e soluções para o enfrentamento das mazelas causadas pela inferioridade racial, desafiar postulados mais bem consolidados, responder a abordagens distintas,

pensar a raça sob diversas óticas, interligar a ideia de raça e território, germinar movimentos sociais e teóricos que se ramificam, trabalhar com a reivindicação da igualdade racial, com a superação dos apagamentos étnico-raciais etc.

Segundo Maria Aparecida Silva e Rafael Soares (2011), existe uma inquietação na forma como foram organizadas as classificações de grupos, essencialmente, dos grupos negros. No bojo das classificações está a leitura de que esses últimos compõem um grupo étnico e, uma outra, de que compõe um grupo racial. Por essas dissonâncias, fez-se, e ainda faz, imprescindível uma discussão sobre os dois conceitos e de quais maneiras suas noções são empregadas na literatura que se propõe a discuti-los. O tempo e o espaço em que esses conceitos foram cunhados e interpretados são pontos interferentes, uma vez que o contexto e o acesso aos diálogos sobre as temáticas mencionadas anteriormente sofreram alterações⁷.

Em grande parte do Século XX e na atualidade, a academia e os movimentos sociais e políticos adotaram/adotam variados discursos e conceitos. Ademais, percorreram/percorrem novas maneiras de pensar e apresentar as realidades étnicas e raciais. Os avanços conceituais que compreendem os/as negros/as — assim como os/as indígenas — na América e no mundo são acentuados e fontes de novos significados (SILVA; SOARES, 2011). Dado isto, a autora e o autor salientam como a noção de etnia se relaciona intrinsecamente com os aspectos culturais que cercam os povos. Está inserido em um grupo étnico não é apenas possuir componentes morfológicos como os traços faciais, a cor e a textura dos cabelos, a cor da pele, a estatura e a constituição física. “O conceito de etnia, aplicado nesse sentido, avança na intenção de compreender a dimensão sociocultural e as experiências semelhantes que ligariam indivíduos, povos e sociedades no mesmo grupo” (SILVA; SOARES, 2011, p. 108).

⁷ Ressaltam ainda que: “É obvio [*sic*] que uma reflexão acerca do tempo histórico e do momento no qual esses conceitos foram pensados se faz necessária, como seres diretamente influenciados pelo contexto, entendemos que a discussão acerca de uma atitude, mentalidade ou forma de tratar o outro jamais deve se desgarrar das amarras do tempo-espaço” (SILVA; SOARES, 2011, p. 100).

Ainda que o foco aqui apresentado não seja, necessariamente, entrar na robusta distinção entre raça e etnia, é interessante frisar que há quem as aponte e quem as utilizou/utiliza enquanto sinônimos. Inclusive, como pontuado anteriormente, Galastri (2017) diz que os escritos sobre raça de Mariátegui são lidos atualmente também na qualidade de etnicidade. Sob o seu ponto de vista, Mariátegui enquadrava que a questão indígena, o problema racial na América Latina e no Peru, não é racial literalmente ou somente no sentido biológico, mas sim em termos sociais e econômicos. Portanto, o problema da raça na América Latina é “o problema da marginalização social imposta às etnias indígenas (o que hoje, como à época, é uma afirmação óbvia, mas que infelizmente ainda necessita ser enfatizada)” (GALASTRI, 2017, p. 29). Contudo, a raça exerce um peso nas chances de encarar a questão indígena, particularmente quando se analisa que são os militantes indígenas que conseguiriam exercer maior influência nos seus pares, através do idioma e da mentalidade.

Por conseguinte, nos países latino-americanos, as raças, mais especificamente, as raças indígenas, assim como foi no passado, estampam uma vasta película social compelida a uma condição subalterna de exploração e por serem não brancos. No qual a condição de não-brancos reforça a condição de explorados. Frente a isso, as chamadas classes dominantes se aproveitam das contradições advindas e intensificadas pelo racismo (GALASTRI, 2017).

Retomando as palavras de Mariátegui (1974), dado todo o exposto até aqui, alerta-se para as condições das raças em parte dos países latino-americanos. Conforme relata o pensamento mariateguista, as raças indígenas da América Latina se encontram em um estado de ignorância e até mesmo considerado um estado de atraso, em detrimento da servidão implantada desde a ocupação espanhola — e, em alguns países, a ocupação portuguesa. Primeiramente, na figura do espanhol, e posteriormente, na figura do crioulo, fundamentou-se o estado primitivo e inferior condicionado aos indígenas. “Com isso, essa classe não fez outra coisa a não ser reproduzir, nessa questão nacional interna, as razões da raça branca na questão do tratamento e proteção

dos povos coloniais” (MARIÁTEGUI, 1974, p. 21, tradução nossa)⁸.

Com a intenção de ilustrar a exploração indígena, os problemas desempenhados pelos esquemas coloniais e, mais uma vez, dos moldes feudalistas, Mariátegui (1974) relata que a exploração dos indígenas na região latino-americana se forjou a partir da alegação de amparo em uma dupla redenção das raças oprimidas: a moral e a cultural. A raça branca trouxe sequelas desanimadoras e retardadoras para a vivência das raças indígenas. Isto é, a opressão por parte de brancos e mestiços interrompeu a evolução natural dos povos originários. A exemplo: povos que já haviam alcançado um alto grau de organização social, como os quíchuas e os astecas, retrocederam, à sombra da administração colonial, à posição de tribos agrícolas espalhadas.

Direcionadamente, algumas indicações importantes são concedidas pelo já citado marxista peruano para tensionar internacionalmente o problema das raças. Os pontos, levantados por ele, esclarecem não só a demanda de trabalhar as inquietações no que tange às orientações étnico-raciais latino-americanas, como também o valor que tem a união entre classe e raça (estudos marxistas e estudos raciais) e a competência dos/das intelectuais da América Latina para tratar sobre esses conteúdos.

Logo, Mariátegui (1973) manifesta que, ainda que o problema da raça não se apresente igualmente, nas mesmas proporções e com características idênticas no panorama latino-americano, a questão racial existia na América Latina, com aproximações e experiências comuns. Levando em consideração o momento em que ele escreve e apresenta *A questão das raças na América Latina*, final da década de 1920, o autor difunde a ideia de que alguns países latino-americanos davam relevância limitada para as questões aqui levantadas, já em outros países o problema racial era categoricamente suscitado.

Em países como Bolívia e Peru, e em menor proporção no Equador, os três com população majoritariamente indígena, a questão indígena era a reivindicação social e popular predominante. No quadro boliviano, peruano e equatoriano dessa época, o

⁸ No original: “Con esto, esa clase no ha hecho otra cosa que reproducir, en esta cuestión nacional interna, las razones de la raza blanca en la cuestión del tratamiento y tutela de los pueblos coloniales” (MARIÁTEGUI, 1974, p. 21).

fator raça possuía um teor de complexidade maior por conta do fato classe, e conseqüentemente, as políticas revolucionárias latino-americanas e a construção da consciência de classe não deveriam deixar de lado os elementos raciais (MARIÁTEGUI, 1974). Em prol de sustentar seus argumentos, o escritor ainda indica a distribuição geográfica na América Latina, tal qual a presença e os traços de três grupos raciais: Índios Incas e Astecas, Indígenas (silvicultura) e Negros. O primeiro grupo, marcado pelas demandas agrárias, em especial à pecuária e à agricultura. O Peru, o Chile, o Equador e parte da Bolívia são suas principais localizações. O segundo, relacionado esmagadoramente nas regiões fluviais e florestais da América, localizado em numerosos países: alguns países da América Central, na Colômbia (*Chibchas*), na Venezuela (*Muyscas*), nas Guianas, no Peru, na região amazônica, no Paraguai (*Guaraní*), na Argentina e no Uruguai (*Charrúas*). E o terceiro, demonstra que além das duas raças indígenas, a raça negra foi avistada em grande quantidade na América Latina e fazia parte da produção e da exploração. Esses viviam em um grande contingente, no Brasil, em Cuba e no grupo antilhano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, é perceptível quão complexo e necessário é o debate racial. Acompanhar os desdobramentos nas esferas teórica e prática, as principais transformações, as temáticas relacionadas e os/as principais intelectuais que contribuem para compreender as questões referentes à raça corrobora com a sua disseminação. No caso latino-americano, os povos indígena e negro são categorias e expoentes dos arranjos sociais, políticos, revolucionários, identitários e econômicos da região. A influência da raça se espalha pela América Latina, e por isso, a concebe.

Ainda que, para Mariátegui, a raça não apareça e seja relevante da mesma forma em todos os países latino-americanos, isso não implica dizer que não era um problema a ser pensado. Só o feito de apresentar um documento e popularizar o debate étnico-racial em uma Conferência de caráter internacional, com ênfase na América Latina, sediada na Argentina já é um marco para direcioná-lo internacionalmente e colaborar

para que outros pensadores marxistas entrem, nem que seja minimamente, em contato com essa esfera e possam refutar ou absorver os argumentos que Mariátegui trouxe naquele momento. Os manuscritos mariateguistas refletem não só o Peru, mas também a América Latina.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. **O Sul Global como projeto político**. Horizontes ao Sul. 2020. Disponível em: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/06/30/o-sul-global-comoprojeto-politico>. Acesso em: 03 out. 2022.

COTLER, Julio. **Peru: Classes, Estado e Nação**. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Funag, 2006.

DEVEZA, Felipe. **A comunidade indígena e a Indo-américa: Mariátegui, APRA e Haya de La Torre em busca de uma identidade nacional**. 2008. 230f. Dissertação (Mestrado em História Comparada). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. Mariátegui, González Prada e o indigenismo radical no Peru da década de 1920. **Tempo**, Niterói, v. 28, n. 2, p. 1-20, 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/tem-1980-542x2022v280201>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/m4CLNWDrJTpxGc9cf5xv7rb/?lang=pt#>. Acesso em: 13 set. 2022.

DOTY, Roxanne Lynn. The Bounds of “Race” in International Relations. **Millennium**, v. 22, n. 3, p. 443-461, 1993.

DUARTE, Joana das Flores. Mariátegui and Latin American Marxist Feminism: a necessary revisit. **Latin American Perspectives**, v. 49, n. 4, p. 31-44, 2022.

GALASTRI, Leandro. Mariátegui e as especificidades da luta de classes latino-americana: as questões da raça e do latifúndio. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 38, p. 24-39, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/33241>. Acesso em: 15. set. 2022.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas. 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 307p.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, Flávia, LIMA, Márcia (Org). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1ª ed., 2020a, p. 127-138.

_____. Por um feminismo afro-latino-americano. In: RIOS, Flávia, LIMA, Márcia (Org). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1ª ed., 2020b, p. 139-150.

LÖWY, Michael. Introdução. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Por um socialismo indo-americano**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

MARIÁTEGUI, José Carlos. El Problema de las Razas em America Latina. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Ideología y política**. Lima: Amauta, 1974, p. 21-86.

_____. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. São Paulo: CLACSO/Expressão Popular, 2008.

NUÑEZ, Estuardo. **La experiência europea de Mariátegui**. Lima: Amauta, 1994.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**, Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

SILVA, Maria Aparecida Lima; SOARES, Rafael Lima Silva. Reflexões sobre os conceitos de raça e étnia. **Entrelaçando**, [S.l], v. 2, n. 4, p. 99-115, 2011.

Recebido em 15 de abril de 2023

Aceito em 15 de maio de 2023

Editado em junho de 2023